

Estereótipo Discursivo e Descortesia em Materiais de PLE

Stereotyped Discourse and Discourteousness in Didactic Materials of PSL

Yedda Alves de Oliveira Caggiano Blanco¹

RESUMO: O presente trabalho tem o objetivo de analisar como os discursos a respeito da temática “Brasil” se apresentam nos livros didáticos de PLE, em específico, no texto “O país e o idioma” do material “Bem-vindo”. Mostrar por meio da análise das relações estruturais do texto e das de discurso como se estabelece a visão ideológica e estereotipada expressa no texto em questão. Na fundamentação teórica usaremos, entre outros, os preceitos apontados por Koch (2003,2009,2012), Van Dijk (1999, 2003, 2005, 2006, 2012) e Kaul Marlangeon (2005). Nos resultados obtidos pela análise, evidenciamos como o uso de um discurso com viés ufanista pode torna-se descortês pelo sujeito interpretante.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; descortesia; material de PLE.

1. Introdução

A elaboração de material didático para estrangeiros supõe um processo complexo no qual se apresenta a intervenção de vários agentes no processo de produção: autores, revisores, editores pedagógicos. Por tal motivo, o conteúdo expresso por ele é fruto de uma ampla discussão a respeito de quais tópicos possam representar a nossa língua-alvo. Desta forma, no planejamento deles são considerados não só aspectos linguísticos como também socioculturais que terão como meta trazer nos conteúdos apresentados, um recorte da sociedade em foco.

Diana Bravo (2004,p.8) afirma que o aspecto sociocultural se faz presente nas relações da linguagem com a sociedade e considera que o/a falante de uma língua “está provido/a de recursos interpretativos que vêm de seu ambiente social e de suas experiências comunicativas anteriores, que compartilha parcialmente com outras

¹ Doutoranda em Letras (Linguística Textual e Teorias do Discurso em Português) pela Universidade de São Paulo (USP).

pessoas (grupo)”². Por esta razão escolhemos, neste artigo, analisar como temáticas relacionadas com tópicos sobre o Brasil e/ou cultura brasileira são discursivamente apresentados, em específico faremos a análise do texto “O país e o idioma” presente no livro didático de PLE *Bem-vindo: a língua portuguesa no mundo da comunicação*, das autoras Maria Ponce, Silvia Burim e Susanna Florissi.

Salientaremos que o discurso nunca é neutro, pois há nele um eco de vozes que podem ser entendidas como uma marca ideológica e, nesse sentido, ser visto como um construto social no qual entram em jogo as relações de poder estabelecidas pela linguagem, que fundamentaremos com a visão esboçada por Van Dijk (2005).

Também, nesta análise, procuraremos evidenciar os aspectos constituintes da formação discursiva por meio da construção textual ali trazida e apontar como esta linguagem caracteriza o construto reprodutor de fórmulas estereotipadas e demarcadas historicamente por um discurso que perpetua uma visão de um determinado tipo de Brasil entre diversos segmentos sociais.

Por fim, ao estabelecer as relações discursivas, demonstraremos que a aparente construção de um discurso excessivamente positivo da imagem cortês de Brasil, num livro que tem como público-alvo não brasileiros, produz, na verdade, o efeito revés, dando ao discurso o tom de descortês.

2. Abordagem teórica

O referencial teórico desta pesquisa partirá do entendimento que devemos ter em relação à construção do sentido que o texto evidencia e para tal vamos fazer uso principalmente das obras de Ingedore Villaça Koch (*Introdução à linguística textual, A inter-ação pela linguagem, O texto e a construção de sentidos*); dos estudos de Charaudeau (*Linguagem e discurso*) em relação ao sujeito da enunciação; de Van Dijk (*Discurso e contexto*) quanto à análise do discurso; e para a interface interacional, o conceito de descortesia de Kaul de Marlangeon (*Descortesía de fustiación por afiliación exarcebada o refractariedad*).

² Tradução livre. " está provisto/a de recursos interpretativos que provienen de su entorno social y de sus experiencias comunicativas previas, los cuales parcialmente comparte con otras personas (grupo)".

Compreender o que vem a ser um texto é complexo, uma vez que não podemos entendê-lo tão somente como uma sucessão de frases. Koch (2009), por exemplo, lista várias concepções do entendimento sobre este tema e ressalta que cada concepção está de acordo a um determinado momento, que vai desde uma abordagem de base gramatical até a uma de base sociocognitiva-interacional.

Desta maneira, sabemos que um texto, enquanto uma produção física, está à espera para que seja desvendado, compreendido e interpretado; que se façam as pontes entre o enunciador e o enunciatário; e que uma possível constituição de significados seja criada. Também sabemos que há várias formas para se abordar um texto e estabelecer estas pontes dentro da área da análise do discurso. No nosso trabalho partiremos das noções sobre a esfera estrutural do texto, das marcas que colaboram com os aspectos de sua constituição, coesão e coerência, que produzem o sentido material, para, finalmente, destacarmos as relações com discurso propriamente ditas.

Iniciamos, com as noções sobre coesão e coerência propostas por Fávero (2003, p.13). Segundo a autora, há várias “propostas de classificação das relações coesivas”, como a própria Fávero aponta (2003, p.13), “as de Halliday e Hansan (1976); Marcuschi (1983); Mira Mateus et alii (1983) e de Fávero e Kock (1985)”. Aqui usaremos a proposta de Fávero e Koch que propõem três tipos de coesão: referencial, recorrencial e sequencial.

A coesão referencial “relaciona determinado signo a um objeto tal qual ele o percebe dentro da cultura em que vive [...] pode ser obtida por substituição e por reiteração” (FÁVERO, 2003, p.18). O processo da substituição textual retoma ou precede elementos usados num determinado enunciado, sendo anafórico e catafórico respectivamente. Já a reiteração “é a repetição de expressões no mesmo texto” que pode ser pelo mesmo item lexical, por sinônimos, hiperônimos e hipônimos, expressões nominais definidas e nomes genéricos.

Quanto à coesão recorrencial “constitui um meio de articular a informação *nova* à *velha* [...] tem por função, assinalar que a informação progride” (FÁVERO, 2003, p.26). Estes elementos podem ser observados quando há recorrência de termos, paralelismo, paráfrase e recursos fonológicos, segmentais e supra-segmentais (ritmo, motivação sonora).

Por último, a coesão sequencial, que também tem a função de “fazer progredir o texto”, mas sem a necessidade da retomada de itens ou estruturas anteriores, é formada por sequenciação temporal (obtida por: ordenação linear dos elementos, expressões que assinalam a ordenação das sequencias temporais, partículas temporais e correlação dos tempos verbais) e por conexão na qual “um enunciado está subordinado a outros na medida em que não só se compreende por si mesmo, mas ajuda na compreensão dos demais. [...] é expressa por operadores do tipo lógico, operadores discursivos e pausas” (FÁVERO, 2003, p. 35).

A ordenação dos dados acima constitui os elementos que formam a coesão e coerência textuais. A coesão é responsável pela ordenação superficial do texto com uso de referentes ou recursos de ordem gramatical (anáforas, catáforas, formas dêiticas)³, ou seja, os “elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam [...] de modo a formar um ‘tecido’ (tessitura)” (KOCH, 2009, p.35).

Outro aspecto de textualidade é a coerência que se refere à ordem cognitiva, situacional, sociocultural e interacional presentes no texto cujo sentido expresso dependerá do conhecimento compartilhado entre o *eu-tu*. Junto a esses elementos, há outros fatores como a intencionalidade, a informatividade, a situacionalidade, a argumentatividade, a intertextualidade e a aceitabilidade.

Apesar de esse conjunto de elementos abordarem aspectos sintático-semânticos que elucidam a compreensão textual, nas décadas de 70 e 80 ocorre o que Koch (2012, p.13) nomeia de “virada pragmática”; e, assim, o texto passa a ser visto como “ unidade básica de comunicação/interação humana”, dando à Linguística Textual uma nova dimensão.

Desta forma, Koch (2003, p.25-26), centrada nos estudos da Linguística Textual, enfatiza que o texto, como resultado da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, passou a ser entendido como uma sequência de atos de fala, como um mecanismo cognitivo de modelos mentais e como parte de atividades mais globais da comunicação. E também destaca que *na interação* estabelece-se a construção de sentido, isto é, sistemas de conhecimento acessados por ocasião do processamento

³ Leonor Lopes Fávero em *Coesão e coerência textuais* sintetiza a questão da coesão no esquema que pode ser consultado no Anexo A.

textual que pode ser linguístico (escolhas gramaticais e lexicais), enciclopédico e interacional (sobre as formas de inter-ação).

Em relação à importância da interação, Charaudeau (2014, p.44), mais voltado ao campo da Análise do Discurso, afirma que “o ato de linguagem como evento de produção ou interpretação depende dos saberes supostos que circulam entre os protagonistas da linguagem”. Em outras palavras, o explícito e o implícito. Para ele, o TU

não é um simples receptor de mensagem, mas sim um sujeito que constrói uma interpretação em função do ponto de vista que tem sobre as circunstâncias de discurso e, portanto sobre o EU, uma vez que interpretar é sempre instaurar um processo para apurar as intenções do EU.

Na produção do discurso, o próprio EU constrói um destinatário ideal ou virtual no qual tenta ter controle, sobre o que o TU pode ou deveria compreender a respeito da sua produção. Entretanto, o sujeito interpretante da comunicação pode ser distinto daquele ideal proposto pelo destinatário. “O TUi (TU interpretante) é o sujeito responsável pelo processo de interpretação que escapa, devido a sua posição, do domínio do EU” (CHARAUDEAU, 2014, p.46).

Após a observação desses elementos, a serem tratados na apreciação do texto, vamos nos deter no aspecto da análise do discurso que nos proporemos empregando a ACD - Análise Crítica do discurso - de linha anglo-saxã por considerarmos que essa metodologia de análise se adéqua de forma mais clara aos nossos objetivos. A nossa escolha significa um compromisso metodológico já que, como aponta Van Dijk (1999 a, p.3) “los analistas críticos del discurso deberían ante todo ser críticos de sí mismos y de los demás en su propia disciplina y profesión”.

Da mesma forma que para a Análise do Discurso francesa (AD) se faz necessário interrogar o contexto do enunciador, por estar inserido em uma dada situação discursiva, na qual se indaga a cerca da cultura da sociedade e da relação tempo-espaço do objeto analisado; constatamos que a ACD também irá analisar esses aspectos, mas irá buscar, por parte do analista, possíveis soluções ao problema discursivo analisado/apresentado.

Dentre as possíveis abordagens da ACD, destacaremos a de Van Dijk (2012) que explica a relação entre língua e poder pela tríade *cognição-discurso-sociedade*.

Primeiramente, antes de apresentarmos a tríade proposta por ele, convém salientar como é abordada a sua a ideia de *contexto*.

O *contexto* (VAN DIJK, 2012, p.34), enquanto conceito para o estudo das teorias da língua, deve partir do princípio de que é um construto subjetivo dos participantes, no qual as “situações sociais só conseguem influenciar o discurso através de interpretações (intersubjetivas) que delas fazem os participantes.” Este construto faz parte de um modelo mental, individual, e não só situacional. Em palavras do autor, a compreensão do discurso “envolve a construção controlada pelo contexto, de modelos mentais baseados em inferências fundamentadas no conhecimento” (VAN DIJK, 2012, p.92). Os referidos modelos mentais são relevantes para a coerência do discurso, são únicos e exprimem opiniões e emoções ao ativarem a memória individual e social, além de serem agentes formadores da identidade na construção do *eu-mesmo* e do *ele-mesmo* (VAN DIJK, 2012).

Feitas essas considerações, passamos a explorar a tríade *cognição-discurso-sociedade* proposta por ele. A *cognição* (VAN DIJK[1999] *apud* ROJAS B.; SUÁREZ G.,2008, p.54) “estuda o conhecimento que determinado grupo possui do mundo social que habita e com o qual, graças à comunicação, interatuam”. Compreende-se pela cognição como os processos interferem na reprodução ideológica e discursiva dos indivíduos, uma vez que os indivíduos

não apenas encontram significado na sociedade, mas servem para regular suas práticas; são construídos, usados e modificados pelos atores sociais como membros de um grupo, em práticas sociais específicas e frequentemente discursivas; são construções sociais compartilhadas por um grupo (VAN DIJK, 1999 b, p.23)⁴

Na sequência da proposta, temos o *discurso* que é visto como um “evento comunicativo específico” (VAN DIJK, 1999 b) que pode tanto ser verbal ou escrito. Aqui os participantes desempenham determinado papel social, tendo em mente aspectos da situação, do local, da intenção, dos propósitos. E, para fechar a tríade, a *sociedade* onde se observa a interação e as situações nas quais o ato se apresenta, focando nos

⁴ Tradução livre. “no sólo le encuentran sentido a la sociedad sino que sirven para regular sus prácticas; son construidas, utilizadas y cambiadas por los actores sociales como miembros de un grupo, en prácticas sociales específicas y, frecuentemente, discursivas; son constructos sociales compartidos por un grupo” (VAN DIJK, 1999, p. 23).

agentes, ou seja, os grupos, as organizações sociais, as instituições onde a estrutura social se configura.

A tríade apontada se complementa com a noção de ideologia que perpassa todos os elementos, uma vez que, segundo Van Dijk (2005) “funcionam como parte da interface sociocognitiva entre as estruturas (as condições, etc.) sociais de grupos de um lado, e seus discursos e outras práticas sociais do outro.”⁵. Não podemos deixar de salientar que a ideologia também é estabelecida no próprio discurso. Segundo o autor⁶

As ideologias foram definidas como crenças fundamentais que subjazem nas representações sociais compartilhadas por tipos específicos de grupos sociais. Essas representações são, por sua vez, a base do discurso e de outras práticas sociais. Também se supõe que as ideologias são expressas e adquiridas principalmente através do discurso, isto é, através da interação comunicativa falada ou escrita. Quando os membros de um grupo explicam, motivam ou legitimam suas ações (de grupo), eles normalmente o fazem em termos de discurso ideológico.⁷

E ainda aponta que as ideologias têm uma função social: elas organizam e baseiam as representações sociais compartilhadas pelos membros de grupos (ideológicos). [...] são, em última instância, a base dos discursos e de outras práticas sociais dos membros dos grupos sociais como membros do grupo. [...] permitem que os membros organizem e coordenem suas ações (conjuntas) e suas interações com vistas aos objetivos e interesses do grupo como um todo.⁸

Por último, importa destacar os efeitos do discurso, entendido como mensagem, na visão interacionista, os quais devem ser equacionados tanto desde sua emissão quanto da sua recepção. Desta forma, para complementar nossa análise, faremos uma interface com os estudos da (des)cortesia pois, segundo Marlangeon (2005, p.299), estes elementos “arraigan el discuso en una dimensión social”. Assim, a cortesia, “princípio de regulação social das interações” (SILVA, 2011, p.280), se desenvolve como um jogo

⁵ Tradução livre. “funcionan como parte de la interfaz sociocognitiva entre las estructuras (las condiciones, etc.) sociales de grupos por un lado, y sus discursos y otras prácticas sociales por el outro” (VAN DIJK, 2005).

⁶ Van Dijk. Ideología y análisis del discurso. Utopía y Praxis Latinoamericana / Año 10. N° 29 (Abril-Junio, 2005) Pp. 9 – 36 - Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social / ISSN 1315-5216.CESA - FCES - Universidad del Zulia. Maracaibo-Venezuela

⁷ Trad. livre. “Se han definido las ideologías como creencias fundamentales que subyacen en las representaciones sociales compartidas por tipos específicos de grupos sociales. Estas representaciones son a su vez la base del discurso y de otras prácticas sociales. También se ha supuesto que las ideologías son principalmente expresadas y adquiridas a través del discurso, esto es, por interacción comunicativa hablada o escrita. Cuando los miembros de un grupo explican, motivan o legitiman sus acciones (grupales), lo hacen típicamente en términos de discurso ideológico” (VAN DIJK, 2005).

⁸ Tradução livre. “ellas organizan y fundamentan las representaciones sociales compartidas por los miembros de grupos (ideológicos). [...] son en última instancia, la base de los discursos y otras prácticas sociales de los miembros de grupos sociales como miembros de grupo. [...] permiten a los miembros organizar y coordinar sus acciones (conjuntas) y sus interacciones con miras a las metas e intereses del grupo en su conjunto” (VAN DIJK, 2005).

de aproximação social, no qual há uma negociação entre os agentes envolvidos no ato da comunicação na busca de um acordo.

Por outro lado, a descortesia, segundo Marlangeon (2005, p.301), seria a quebra de um padrão da convivência cotidiana na qual as pessoas colocam em perigo o convívio social. Ou seja, para ela “o falante descortês responde a um estado de desequilíbrio ou o envolve voluntariamente para fazer prevalecer a própria cosmovisão ou suas exigências de imagem, em detrimento do ouvinte”⁹.

Marlangeon, partindo das definições das categorias de autonomia e afiliação apresentadas por Diana Bravo¹⁰, propõe o conceito de descortesia por afiliação exarcebada que deve ser entendida quando, “o adepto assume sua qualidade de membro com plena consciência e orgulho. Ele é a favor dos membros e das idéias de seu grupo, a ponto de escolher a descortesia em sua defesa.”¹¹ (2005, p.302).

Encerrando esta seção, percebemos o quão vasto o campo da análise se apresenta, mas queremos destacar a importância do discurso ser compreendido por meio da textualidade do próprio objeto de análise, bem como dentro das relações interacionistas na qual os sujeitos envolvidos, tanto na produção como na compreensão, devem compartilhar um determinado conhecimento.

3. Análise do corpus

O *corpus* escolhido faz parte do livro *Bem-Vindo: a língua portuguesa no mundo da comunicação*, um dos materiais mais utilizados no ensino de português como segunda língua no Brasil. Na descrição do livro, as autoras, informam que “um pouco da História, cultura e sociedade brasileiras ganham parte deste livro elaborado especialmente para suprir a grande necessidade de um material dinâmico e interativo cujo foco central é COMUNICAÇÃO” (PONCE, BURIM, FLORISSI, 2007). Este material se apresenta em um único volume e está dividido em 5 grupos temáticos: “Eu e

⁹ Tradução livre. " el hablante descortés responde a un estado de desequilibrio o lo entabla volitivamente para hacer prevalecer la cosmovisión propia o sus requerimientos de imagen , em detrimento del oyente" (MARLANGEON, 2005, p.301).

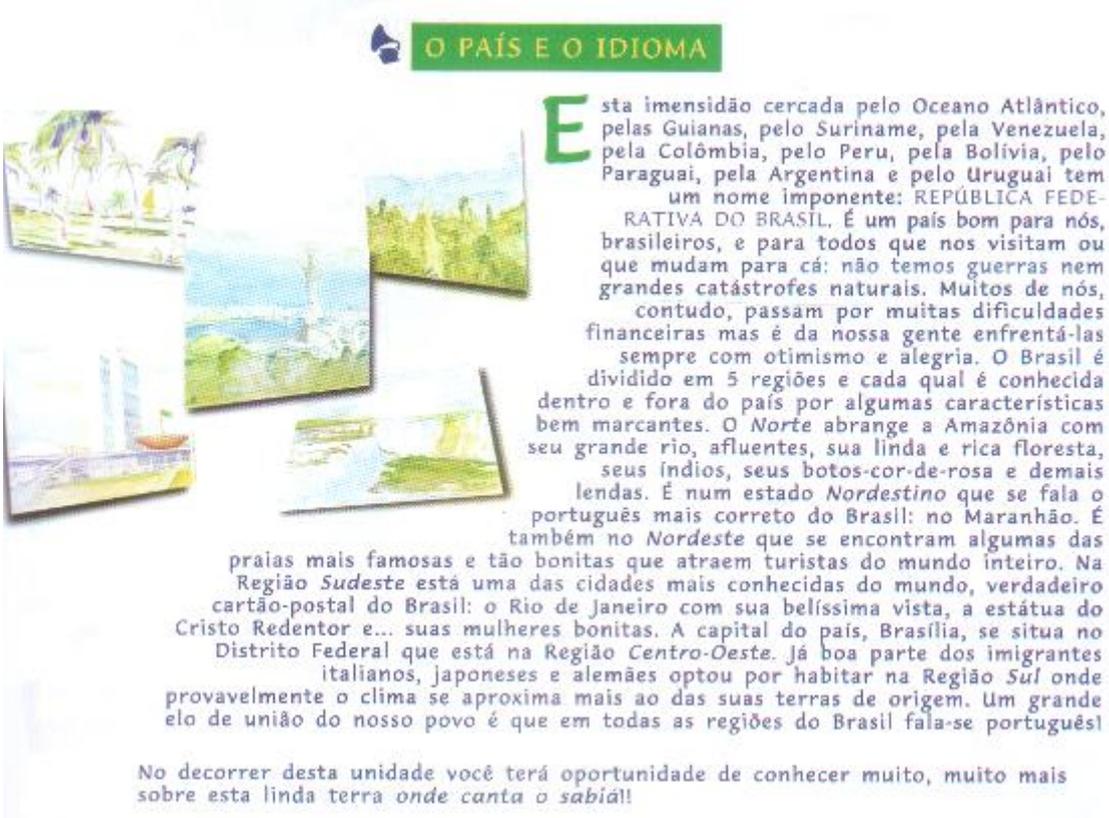
¹⁰ Quando fez um enfoque crítico às imagens negativa e positiva de Brown e Levinson, propôs as categorias de autonomia (o indivíduo percebe-se a si mesmo e é percebido pelos demais como diferente do grupo) e de afiliação (o indivíduo é tido como parte do grupo).

¹¹ Tradução livre. " el adepto asume su calidad de miembro con plena conciencia y orgullo. Es partidario de los miembros y de las ideas de su grupo, al punto de escoger la descortesia en su defensa" (MARLANGEON, 2005, p.302).

“O Brasil e sua língua”, “A sociedade e sua organização”, “O trabalho e suas características” e “Diversão-cultura”, compondo um total de 20 unidades. O texto escolhido *O país e o idioma* faz parte da unidade 08, do grupo 2: “O Brasil e sua língua”.

Ao escolhermos um texto de material didático, temos em mente que ele carrega traços típicos desta categoria e que o texto, nestes tipos de materiais, adquire certa autoridade expressa na sua própria finalidade, ou seja, a de instruir. Desta maneira o aprendiz que recebe este material, já atribui na dinâmica de seu uso um determinado valor de verdade ou confiabilidade a ele.

No *corpus* escolhido, apresentado abaixo, vamos inicialmente apontar, como indica Koch, os seus elementos textuais constitutivos; em seguida, as relações de implicatura contextual ou conversacional (ARMENGAUD, 2008, p. 92) que se revela, isto é, de que forma se dá a construção de sentido e como tal construção marca uma visão estereotipada da identidade brasileira; e, para finalmente, relacioná-lo discursivamente com os aspectos sócio-interacionais.



O PAÍS E O IDIOMA

Esta imensidão cercada pelo Oceano Atlântico, pelas Guianas, pelo Suriname, pela Venezuela, pela Colômbia, pelo Peru, pela Bolívia, pelo Paraguai, pela Argentina e pelo Uruguai tem um nome imponente: REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. É um país bom para nós, brasileiros, e para todos que nos visitam ou que mudam para cá: não temos guerras nem grandes catástrofes naturais. Muitos de nós, contudo, passam por muitas dificuldades financeiras mas é da nossa gente enfrentá-las sempre com otimismo e alegria. O Brasil é dividido em 5 regiões e cada qual é conhecida dentro e fora do país por algumas características bem marcantes. O Norte abrange a Amazônia com seu grande rio, afluentes, sua linda e rica floresta, seus índios, seus botos-cor-de-rosa e demais lendas. É num estado Nordeste que se fala o português mais correto do Brasil: no Maranhão. É também no Nordeste que se encontram algumas das praias mais famosas e tão bonitas que atraem turistas do mundo inteiro. Na Região Sudeste está uma das cidades mais conhecidas do mundo, verdadeiro cartão-postal do Brasil: o Rio de Janeiro com sua belíssima vista, a estátua do Cristo Redentor e... suas mulheres bonitas. A capital do país, Brasília, se situa no Distrito Federal que está na Região Centro-Oeste. Já boa parte dos imigrantes italianos, japoneses e alemães optou por habitar na Região Sul onde provavelmente o clima se aproxima mais ao das suas terras de origem. Um grande elo de união do nosso povo é que em todas as regiões do Brasil fala-se português!

No decorrer desta unidade você terá oportunidade de conhecer muito, muito mais sobre esta linda terra onde canta o sabiá!!

Fonte - Bem-Vindo! A língua portuguesa mundo da comunicação. 7ª. ed. São Paulo: SBS, p.73.

O primeiro aspecto que destacamos quanto à estrutura é a escolha lexical. Evidencia-se que quantitativamente prevalece o uso dos substantivos seguidos por um excesso de adjetivação e pelo verbo *ser* no presente do indicativo. Desta forma o texto de caráter descritivo, constrói um cenário de um país que pelas escolhas do vocábulo se revela/fundamenta pela substância contida nas suas propriedades como: “imensidão”, “clima”, “terra”, “povo”, “otimismo”, “turismo”, etc. seguidos por qualitativos, como: “bom”, “enorme”, “lindo”. Ainda sobre essas escolhas apresentadas, notamos um grau elevado de positividade das palavras que são reforçadas pela adjetivação e mesmo, quando usa as palavras de teor negativo como “guerras” e “catástrofes” são para fazer menção de que *Nós* não possuímos tais adversidades.

Também o uso dos pronomes pessoais ou possessivos revela um caráter positivo de *Nós* em relação aos demais. Por exemplo, em: “é um país bom para *nós*”, ou em: “é de *nossa* gente enfrentá-la com otimismo”. Observa-se que nesses usos o EU enunciador se incorpora ao texto e reforça a sua convicção sobre a ideia valorativa de Brasil que é construída. E, mais do que isso, convida o TU destinatário a fazer parte deste cenário: “é um país bom para nós e bom para *todos* que nos visitam ou mudam para cá”; ou: “*você* terá a oportunidade de conhecer muito, muito mais sobre esta linda terra...”.

Mesmo no uso da coesão referencial, observa-se que ao preferir empregar o recurso catafórico no início do texto (“*esta* imensidão cercada pelo oceano Atlântico...”) para marcar o enunciado que se sucede: “República Federativa do Brasil”, o EU enunciador cria uma expectativa que se completa com a apresentação de seu nome imponente. A partir daí, a “República Federativa do Brasil” torna-se anafórico e é referenciado, como em: “é um país bom”. O emprego de elementos de reiteração é frequente com a repetição do mesmo item lexical (“país”, “região”); com sinônimos (“Brasil” por “país”, “nação”; “gente” por “povo”); com hiperônimos (“imigrantes” por “japoneses”, “italianos”) e hipônimos (“região” por “Brasil”); e com expressões nominais definidas (“República Federativa do Brasil”, “Brasil”, “país”).

Quanto ao uso da coesão recorrencial, encontra-se paralelismo em: “não temos guerras nem grandes catástrofes”; “é um país bom para nós”, “é num estado Nordeste que se fala o português mais correto...”, etc., são estruturas que introduzem caracterizações a respeito do país e que reforçam o efeito de positividade dada pelo

léxico e também reforça o estereótipo linguístico ao determinar que há um lugar que se "fala português mais correto". E, por fim, faz uso da repetição do advérbio "muito" ("Muito, muito mais sobre esta linda terra") para não só intensificar o que é "nossa terra", mas para criar expectativa do que está por vir sobre esta temática no decorrer da unidade do livro.

Já na coesão sequencial, nota-se a ordenação temporal com o uso do presente do indicativo estabelecendo, assim, a ideia de um eterno presente, estático e imutável do *aqui e agora*. Ao utilizar a voz passiva, o EU enunciador anula o sujeito da ação e reforça mais uma vez o caráter imutável de Brasil. Na coesão sequencial por conexão observam-se:

a) construções comparativas que buscam destacar particularidades do país, em:

"É num estado Nordestino que se fala o português mais correto do Brasil"; "No Nordeste que se encontram algumas das praias mais famosas e tão bonitas", "Na região Sudeste está uma das cidades mais conhecidas do mundo".

b) uso da dupla negação em: "não temos guerras nem grandes catástrofes", enfatizando que não existem tais aspectos negativos.

c) uso de conjunções com valor de adversidade em:

"Muitos de nós, contudo, passam por muitas dificuldades financeiras, mas é da nossa gente enfrentá-las sempre com otimismo e alegria"; que deveriam expressar um aspecto de contraste à situação apresentada. Contudo, percebe-se que ao empregá-las duplamente no enunciado consegue amenizar o caráter das "dificuldades financeiras".

Em síntese, aparentemente a análise estrutural mostra um texto de fácil compreensão quanto à apresentação de dados, descrição do local, caracterização de sua gente e valores. Entretanto, precisamos integrar a análise descritiva dos elementos constituintes do texto com outras ferramentas que nos façam interpretar a relação do EU enunciador com o TU destinatário (que também se torna o interpretativo desse texto) para, assim, termos a dimensão discursiva revelada nos enunciados, uma vez que é fundamental pensarmos como se estabelece a coerência no texto e como se configura no *corpus* a construção de sentidos.

Esta necessidade surge, como aponta Koch (2009, p.46), porque "a coesão *não* é condição necessária nem suficiente da coerência, já que esta não se encontra *no* texto, mas constrói-se a partir dele, numa situação interativa". Desta forma para a análise que

nos propomos, a construção de sentidos tem que apresentar a dimensão pragmática, pois é ela “que salienta o uso que o sujeito faz da língua”, e também é ela “que se relaciona com a exploração das atitudes do produtor e receptor do texto nas situações de comunicação”, conforme Guimarães (2013, p.55-56).

Especificamente sobre o texto que estamos tratando, quanto à situacionalidade, está inserido em um livro didático de PLE como dito anteriormente, isto significa que na sua elaboração possa haver um uso mais restrito do vocabulário ou informações, pois há de se levar em conta em qual unidade o texto deve se apresentar no livro, bem como o nível do aprendente ao chegar nessa seção. Observamos, então que esses fatores também influem na produção textual e, ao mesmo tempo, nos obrigam a lembrar de que não se trata somente das vozes das três autoras, e sim a de um corpo editorial que intervém no processo de produção do mesmo.

A enunciação que se apresenta no texto expõe, além das vozes mencionadas acima, outras vozes, que no dizer de Van Dijk representam as crenças e/ou atitudes que se repetem numa ação comunicativa. No caso, nota-se que a descrição de Brasil se fundamenta por valores que desde o nosso processo de colonização mostram-se presentes nos léxicos: “imensidão”, “alegria”, “praias”, “mulheres”, “clima”, “união”, “oportunidade”, e também na descrição de seus valores: “ser um bom país”, “não ter guerras ou catástrofes”, “ter gente alegre e otimista”, “ser bom para todos”. Reforçam o estereótipo do país sem problemas, do povo amistoso e alegre, como explicam as antropólogas, entre outros, Marilena Chauí (2000) e Livia Barbosa (1992).

Observa-se que tais escolhas representam uma reprodução de um modelo estabelecido na prática discursiva ao se caracterizar o Brasil e, sob este prisma, se integra na ação da nossa linguagem. Em consequência, quando reproduzimos este mesmo modelo, como o fez o EU enunciador desse *corpus*, estabelece-se o que Van Dijk denominou de *cognição social*.

Também a ideologia instaurada por estas palavras revela que o EU enunciador não se preocupou em postular outra visão sobre o Brasil, de fato, reproduz o lugar comum, estereotipado no discurso. Constrói-se uma imagem de país onde não há negatividades, pois mesmo quando diz que “Muitos de nós, *contudo*, passam por muitas dificuldades financeiras *mas* é da nossa gente enfrentá-las sempre com otimismo e alegria”, foi capaz de construir na adversidade (*contudo*) uma outra sentença

adversativa (*mas*) com valor positivo de enfrentamento, presentes nos léxicos “alegria” e “otimismo”. A expressão “dificuldades financeiras” também omite problemas sociais, pois sugere que se trata de problemas isolados, enfrentados por indivíduos desconectados do coletivo. O substantivo “dificuldades” é um eufemismo para os milhões que vivem na miséria, pois parece atribuir aos indivíduos a responsabilidade por superar os obstáculos e o adjetivo “financeiras” sugere problemas para “administrar o dinheiro” e omite toda a desigualdade social e exclusão criadas pelo sistema, como se este fosse um problema pontual.

Na sequência, em relação ao *discurso*, podemos destacar, primeiramente, o caráter ufanista expresso no texto que marca uma distinção entre o *Nós* e o *Eles*. Toda vez que o EU enunciador se posiciona no discurso, marca que o *Nós* é sempre melhor que o *Eles*. De fato este EU tenta incorporar o *Eles* na nossa formação, pois, como é expresso no texto, “é um país bom para nós e para todos aqueles que nos visitam ou moram aqui”; ou mesmo quando descreve sobre os imigrantes, aponta que *eles* conseguiram se adaptar ao sul do nosso país "provavelmente" por causa do clima!

O *Nós*, no discurso analisado, apresenta-se sob a fórmula ufanista de país e língua, conforme se nota no título: “O país e o idioma” - em uma clara apropriação dos valores que nos remetem ao nacionalismo. Neste cenário acrescentam-se como pontos positivos: “é um país bom para nós”, “país sem guerras ou grandes catástrofes naturais”, “país do otimismo, da alegria”, “país da linda e rica floresta”, “praias mais famosas, mais bonitas”, “país da cidade mais conhecida do mundo”, “mulheres bonitas”, “país dos imigrantes” e o “país da linda terra”.

Importante destacar também que na representação do *Nós* encontra-se a menção ao “índio” em : “ O Norte abrange a Amazônia com seu grande rio, afluentes, sua linda e rica floresta, seus índios, seus botos-cor-de-rosa e demais lendas”. Nesta construção, parece que o Eu enunciador cria uma categoria de *Outro* dentro de *Nós*, pois os índios são mencionados como elemento figurativo ao lado do boto e das lendas, como se fossem mero exotismo, ou pela própria construção sintática, parece fazer parte das “demais lendas”.

Ao passo que o *Eles* expresso no texto pelo uso do pronome indefinido “todos” (*bom para todos que nos visitam ou que mudam para cá*); pelo substantivo “imigrante” e, por seus respectivos gentílicos “italianos”, “japoneses” alemães”; e, pelo uso do

pronome pessoal “você” (*Você terá oportunidade de conhecer muito, muito mais...*), marca no discurso uma necessidade de que o outro seja incorporado a nossa “boa nação”.

Quando se refere aos aspectos positivos de modo a exaltar o *Nós* na formação ou na descrição do país, o enunciador cria uma polarização na qual se apodera de símbolos nacionais como se fosse exclusivo de uma *só* nação, no caso, o Brasil. Em oposição, o *Outro*, é apontado no texto como um sujeito que deveria fazer parte da nossa “boa” nação seja para visitá-la ou vir morar aqui. Instiga também o aprendente da lição a ter a oportunidade de conhecê-la e, com a ênfase no léxico “muito” reitera uma intenção absoluta da necessidade que todos devem fazer parte ou conhecer esta nação.

Conforme aponta Van Dijk:

os falantes ou os escritores podem destacar nossas coisas boas tematizando os significados positivos, usando elementos lexicais positivos em auto-descrições, fornecendo muitos detalhes sobre boas ações, e poucos detalhes sobre más ações, usando hipérbolos e metáforas positivas, deixando apenas implícitas as próprias propriedades negativas, ou diminuindo importância ao próprio desempenho como agente de actos negativos mediante o uso de orações passivas ou nominalizações. (VAN DIJK, 2003, p.160)¹²

Percebemos que o enunciador coloca a ênfase nos aspectos positivos e tira a ênfase dos negativos reforçando uma combinação de crenças e atitudes de teor ideológico que de certa forma transcende a própria figura do enunciador em si. O enunciador reproduz uma crença ou atitude porque ele “subjektivamente representa os aspectos relevantes de situações e sociedade e diretamente interfere no processo mental da produção e compreensão do discurso” (VAN DIJK, 2006, p.164, tradução livre).

O EU enunciador, na verdade, ao reproduzir essa crença, estabelece a ponte com o outro lado da tríade proposta por Van Dijk, a *sociedade*. A representação imaginária do EU enunciador revela-se na seguinte crença descrita por Marilena Chauí (2000, p. 4-5):

Há, assim, a crença generalizada de que o Brasil: 1) é “um dom de Deus e da Natureza”; 2) tem um povo pacífico, ordeiro\generoso, alegre e sensual, mesmo quando sofredor; 3) é um país sem preconceitos (é raro o emprego da expressão mais sofisticada “democracia

¹² Tradução livre. " los hablantes o los escritores pueden destacar nuestras buenas cosas tematizando los significados positivos, utilizando elementos léxicos positivos en las autodescripciones, proporcionando muchos detalles sobre las buenas acciones, y pocos detalles sobre las malas acciones, valiéndose de hipérbolos y de metáforas positivas, dejando meramente implícitas las propiedades negativas propias, o restando importancia a la propia actuación como agente de actos negativos mediante la utilización de oraciones pasivas o nominalizaciones." (VAN DIJK, 2003, p.160)

racial”), desconhecendo discriminação de raça e de credo, e praticando a mestiçagem como padrão fortificador da raça; 4) é um país acolhedor para todos os que nele desejam trabalhar e, aqui, só não melhora e só não progride quem não trabalha, não havendo por isso discriminação de classe e sim repúdio da vagabundagem, que, como se sabe, é a mãe da delinquência e da violência; 5) é um “país dos contrastes” regionais, destinado por isso à pluralidade econômica e cultural. [...]Alguém pode dizer se indignado com a existência de crianças de rua, com as chacinas dessas crianças [...], mas, ao mesmo tempo, afirmar que se orgulha de ser brasileiro porque somos um povo pacífico, ordeiro e inimigo da violência. Em suma, essa representação permite que uma sociedade que tolera a existência de milhões de crianças sem infância e que, desde seu surgimento, pratica o apartheid social possa ter de si mesma a imagem positiva de sua unidade fraterna.

Notamos que o EU enunciador ao repetir valores que foram instituídos pelas classes dominantes como fundadores da nossa nacionalidade, presentes, como já dito, na visão paradisíaca do território, na alegria e otimismo do povo, nas belas mulheres, no fato de não haver guerras, etc., reforçam uma ideia ufanista de sociedade perfeita, conforme apontado por Chauí, onde a noção de país acolhedor prevalece. Na análise encontra-se uma recorrência a esses valores quando se diz “é da nossa gente enfrentá-las (dificuldades) sempre com otimismo e alegria”; ou em “mulheres bonitas”, etc.

Supostamente deveria se estabelecer no discurso uma interação desses dados de forma que as informações fossem compartilhadas e totalmente compreendidas no processo interacional entre o EU e o TU; no entanto, vê-se que tal interação não ocorre.

Assim, tal ruptura pode-se dar porque o TU destinatário e interpretante pode não compartilhar os mesmos valores, das mesmas crenças e atitudes expostas pelo EU enunciador, uma vez que este, no excesso de apresentação positiva do Brasil, extrapola a fronteira da cordialidade e beira a descortesia, denominada por Marlangeon de *descortesia por afiliação exacerbada*. Reforçamos mais uma vez que a *afiliação exarcebada* reflete aqueles comportamentos relativos aos desejos de uma pessoa de se ver e ser vista com as características que a identificam com o grupo (“É um país bom para nós”; “e da nossa gente enfrentá-las”) e que nega o *Outro*.

O *Outro*, neste caso, é O TU destinatário/interpretante que é um aprendente da língua portuguesa e que possivelmente pode ter algumas informações gerais sobre o Brasil, mesmo que esse conhecimento seja estereotipado de *Nós*, como: “futebol”, “samba”, “mulheres”, “alegria”, “natureza”, etc. Entretanto, quando o EU enunciador tem a oportunidade de quebrar estas crenças, fugindo das simplificações estereotipadas dando voz a outros discursos sobre *Nós* e não o faz, continuamos a perpetuar uma

atitude que não nos permite ver o *Outro*, a menos que este seja incorporado ao *Nós*, como no texto.

No texto analisado, ao se apropriar quase que exclusivamente dos aspectos positivos, retirando a possibilidade de o *Outro* também ter tais características, faz com que o discurso adquira contornos de descortesia, claro que não no sentido de oposição a ser cortês, mas no de exceder o olhar sobre si e não vislumbrar a possibilidade de haver outro olhar na construção de sentido sobre a apresentação de tal temática.

Por último, o texto destaca que o aluno aprenderá “muito, muito sobre esta linda terra onde canta o sabiá”, de modo a crer que todos os alunos possam ter conhecimento sobre a “Canção do exílio” ou que o sabiá habita nosso território. Evidente que a tentativa de se fazer uma ponte com outros discursos é válida, principalmente, no material didático, mas desde que as referências sejam dadas ou explicitadas ao longo da unidade, o que não é o caso. Da forma como é exposto, temos um enunciado vazio de significado para um aprendente que não sabe sobre literatura ou poesia romântica brasileira, uma vez que a intertextualidade pressupõe um conhecer compartilhado.

Em suma, o texto se revela dentro da óptica do enunciador, extremamente ufanista, seja pelas escolhas lexicais; também é homogêneo, uma vez que repete a voz e os valores do colonizador; e, por último, xenófobo, pois salienta a ideia de *Nós* sempre como melhor em oposição ao *Eles*, que deve ser incorporado a nossa *boa* terra.

E, como pontuamos todo discurso carrega em si valores, marcas, crenças, atitudes, mas repeti-los de modo a consolidar estereótipos faz com que este tipo de atitude possa ser considerado desrespeitoso, neste caso, com a própria cultura desse povo ou com a cultura do outro. Precisa-se neste cenário sobre “Brasil” dar espaço a outras vozes, pois na realidade brasileira sabemos que há diferenças sociais imensas e que a falta de infraestrutura em vários seguimentos é marcante.

4. Considerações finais

O objetivo do trabalho foi mostrar como um texto descritivo no materiais didáticos de PLE pode perpetuar estereótipos na forma como articula vários discursos que circulam a partir da apresentação da imagem do país (país amistoso, mulheres

bonitas, etc.) e, principalmente, como os aspectos socioculturais que dão sustento a tais discursos, criam uma visão equivocada da nossa realidade.

Por meio da análise da estrutura, demonstramos que na superfície textual os elementos revelaram uma sobreposição de características positivas ao descrever o cenário Brasil, revelando que a escolha lexical a todo o momento reforçava uma visão egocêntrica, ufanista do país.

Ao analisarmos o discurso como um todo, ficou evidente a característica da sobreposição do *eu-eles*. O enunciador se posicionou sempre de forma a estabelecer a distinção de que tudo que se refere ao país é positivo, e, mesmo ao englobar ou chamar o TU destinatário ao discurso, sempre o fez de modo a reforçar a ideia do nosso como melhor.

A relação entre língua e poder concebida na tríade *cognição-discurso-sociedade*, mostrou que o texto deve ser compreendido ou interpretado dentro de uma zona de compartilhamento, onde os atores sociais envolvidos no processo devam dispor de meios comuns ou próximos para a compreensão do discurso. No caso apresentado, vimos que há um distanciamento entre os participantes, bem como em relação ao contexto compartilhado. Vimos também que este distanciamento estabelecido pelo excesso de sobreposição dos valores do EU pode criar certo constrangimento para quem não pertence ou não compreende o grupo, sendo, assim, considerado descortês.

Por fim, como a ACD pressupõe um posicionamento crítico do analista, ressaltamos a necessidade de uma revisão nestes tipos de materiais de forma que contemplem uma realidade mais próxima do cenário sobre o Brasil ou que ao menos, não reforcem a visão estereotipada do *Nós*, tarefa que excede os limites de um trabalho descritivo como esse.

Referências

ARMENGAUD, Françoise. **A pragmática**. 2º ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BARBOSA, Livia. **O Jeitinho Brasileiro**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

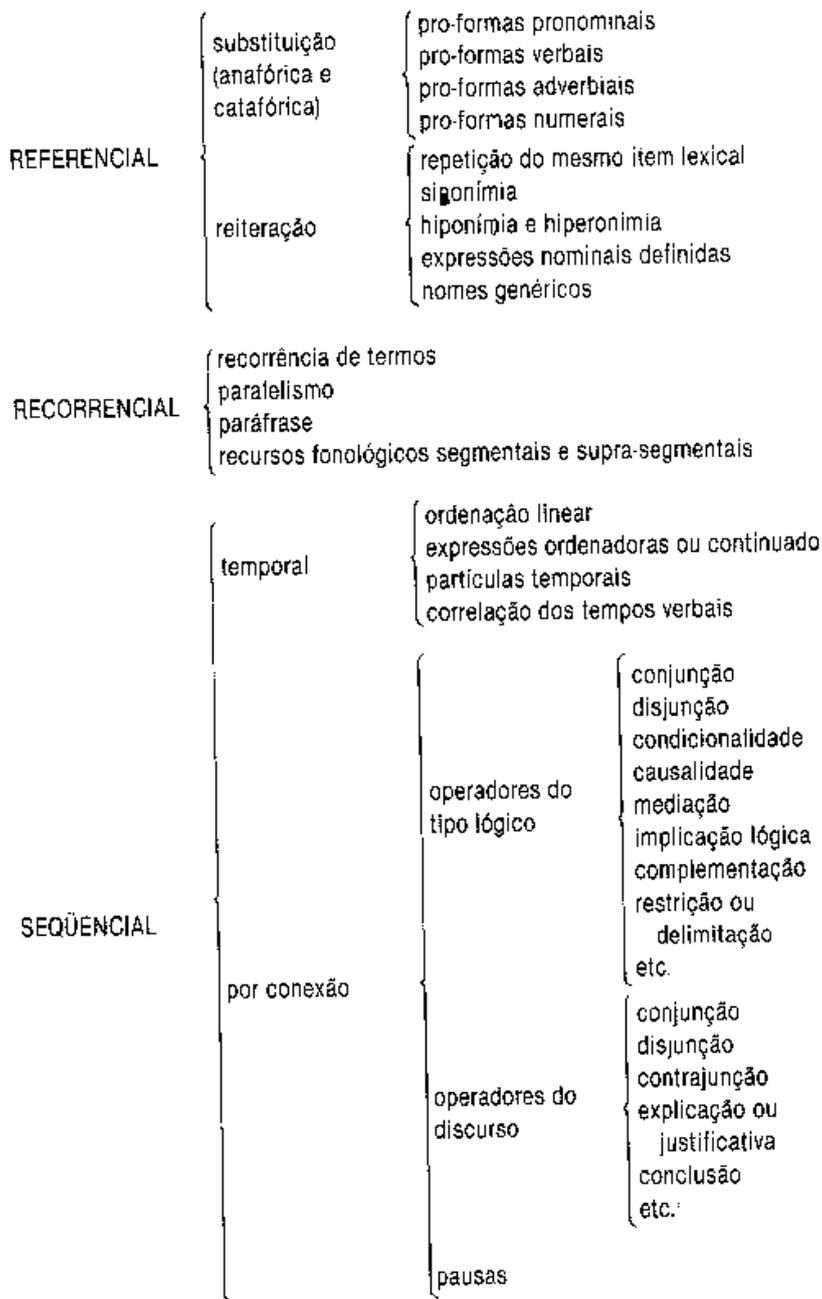
BRAVO, Diana (2004). Tensión entre universalidad y relatividad en las teorías de la cortesía. In: BRAVO, D.; BRIZ, A. **Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español**. Barcelona: Ariel, p.27.

- CHAUÍ, Marilena (2000). **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo.
- CHARAUDEAU, Patrick (2014). **Linguagem e discurso: modos de organização**. Trad.: Ângela M.S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. 2ª. Ed., 2ª. Reimpressão. São Paulo: Contexto.
- FÁVERO, Leonor Lopes (2003). **Coesão e coerência textuais**. 9ª. Ed. - 8ª. Impressão. São Paulo: editora Ática, série Princípios.
- GUIMARÃES, Elisa (2013). **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Contexto.
- KOCH, Ingedore G. Villaça (2003). **O texto e a construção de sentidos**. 7ª. Ed., São Paulo: Contexto.
- _____. (2009). **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2012). **A inter-ação pela linguagem**. 11ª. Ed.- São Paulo: editora Contexto.
- KAUL de Marlangeon, Silvia (2005). Descortesía de fustigación por afiliación exacerbada o refractariedad (cap. 11). In: D. BRAVO (org.). **Estudios de la (des) cortesía en español. Categorías conceptuales y aplicaciones a corpora orales y escritos**. Buenos Aires: Dunken.
- PONCE, M.; BURIM, S. e FLORISSI, S. (2007). **Bem-Vindo! A língua portuguesa mundo da comunicação**. 7ª. Ed. São Paulo: SBS.
- ROJAS BERMÚDEZ, Lisbeth Carolina; SUÁREZ GONZÁLEZ, M. Teresa (2008). El lenguaje como instrumento de poder. In: **Cuadernos de Lingüística Hispánica**, núm. 11, enero-junio, 2008, pp. 49-66. Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, Tunja-Boyacá, Colombia.
- SILVA, A.L.(2011). **Análise da conversação em textos orais e escritos**. [en línea: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/viewFile/109138/108682>]. Rev: Filologia e Linguística. Port., São Paulo, v. 17, n. 1, p. 131-155, jan./jun. 2015 ISSN 1517-4530. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i1p131-155>. (15/12/2015).
- VAN DIJK, Teun A. (1999 a). **El análisis crítico del discurso**. Traducción: Manuel González de Avila. In: *Anthropos* (Barcelona), 186, septiembre-octubre 1999, pp. 23-36.
- _____. (1999 b). **Ideología de una aproximación multidisciplinaria**. Barcelona: Ed. Gedisa.
- _____. (2003) La multidisciplinarietà del análisis crítico del discurso: un alegato a favor de la diversidad. In: WODAK, M. e MEYER, M. (org.) **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Gedisa.
- _____. (2005). **Ideología y análisis del discurso. Utopía y Praxis Latinoamericana** . Afio 10. N° 29 (Abril Junio, 2005) pp. 9 – 36, Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social / ISSN 1315-5216. CESA - FCES - Universidad del Zulia. Maracaibo-Venezuela.
- _____. (2006). Discourse, context and cognition. In: **Discourse studies**. Vol. 08 (1):pp. 159-177. Disp.: www.sagepublications.com. London: SAGE publications.
- _____. (2012). **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

ABSTRACT: The present work has the objective of analyzing how the discourses on the subject "Brazil" are presented in the textbooks of PSL, in specific, in the text "The country and the language" from the didactic material "Bem-vindo". To show through the analysis of the structural relations of the text and the discourse how the ideological and stereotyped vision expressed in the text in question establishes. In the theoretical framework we will use, among others, the precepts pointed out by Koch (2003,2009,2012), Van Dijk (1999,2003,2005,2006,2012) and Kauk Marlangeon (2005). In the results obtained by the analysis, we show how the use of a discourse extremely nationalist can become discourteous by the interpreting subject.

KEYWORDS: discourse; impoliteness; didactic material.

ESQUEMA GERAL DOS FATORES DE COESÃO



¹³ FÁVERO, Leonor Lopes (2003). **Coesão e coerência textuais**. 9ª. Ed. - 8ª. Impressão. São Paulo: editora Ática, série Princípios, p.58

Anexo B: O país e o idioma¹⁴

¹⁴ Ponce, M.; Burim, S. e Florissi, S. (2007). **Bem-Vindo! A língua portuguesa mundo da comunicação**. 7ª. ed. São Paulo: SBS, p.73.

UNIDADE 8

Voz Passiva

O PAÍS E O IDIOMA



Esta imensidão cercada pelo Oceano Atlântico, pelas Guianas, pelo Suriname, pela Venezuela, pela Colômbia, pelo Peru, pela Bolívia, pelo Paraguai, pela Argentina e pelo Uruguai tem um nome imponente: REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. É um país bom para nós, brasileiros, e para todos que nos visitam ou que mudam para cá: não temos guerras nem grandes catástrofes naturais. Muitos de nós, contudo, passam por muitas dificuldades financeiras mas é da nossa gente enfrentá-las sempre com otimismo e alegria. O Brasil é dividido em 5 regiões e cada qual é conhecida dentro e fora do país por algumas características bem marcantes. O Norte abrange a Amazônia com seu grande rio, afluentes, sua linda e rica floresta, seus índios, seus botos-cor-de-rosa e demais lendas. É num estado Nordestino que se fala o português mais correto do Brasil: no Maranhão. É também no Nordeste que se encontram algumas das praias mais famosas e tão bonitas que atraem turistas do mundo inteiro. Na Região Sudeste está uma das cidades mais conhecidas do mundo, verdadeiro cartão-postal do Brasil: o Rio de Janeiro com sua belíssima vista, a estátua do Cristo Redentor e... suas mulheres bonitas. A capital do país, Brasília, se situa no Distrito Federal que está na Região Centro-Oeste. Já boa parte dos imigrantes italianos, japoneses e alemães optou por habitar na Região Sul onde provavelmente o clima se aproxima mais ao das suas terras de origem. Um grande elo de união do nosso povo é que em todas as regiões do Brasil fala-se português!

No decorrer desta unidade você terá oportunidade de conhecer muito, muito mais sobre esta linda terra onde canta o sabiá!

1 Ouça a fita, preencha os espaços em branco e pratique o diálogo:

- A:** Você já estudou para a sua prova de conhecimentos gerais de amanhã?
B: Já. Estudei ontem e hoje o dia inteiro.
A: Vamos ver! Vou fazer algumas perguntas pra você...
B: Tudo bem. Pode começar.
A: Quando a presidência do Brasil foi assumida por Fernando Henrique Cardoso?
B: Em _____ com mandato até o fim de 1998. Foi então reeleito para novo mandato.
A: Certo! Quando o Muro de Berlim, na Alemanha, foi derrubado?
B: Em _____. O muro separava a Alemanha Ocidental da Oriental.
A: Exato! Quando a Estátua da Liberdade, em Nova Iorque, foi inaugurada?
B: Em _____. E foi um presente dos franceses para os americanos.
A: Qual foi o único presidente do Brasil deposto pelo processo de 'impeachment'?
B: Fernando Collor de Melo, em _____.
A: Muito bem. Agora uma última questão. Quando a Torre Eiffel foi concluída?
B: Ah, esta é fácil também. Ela foi construída para comemorar os cem anos da Revolução Francesa. A Torre Eiffel ficou pronta em _____.
A: Parabéns! Você acertou todas as questões. Sua prova vai ser moleza!

A BANDEIRA BRASILEIRA

VERDE = MATAS
AMARELO = OURO
AZUL = CÉU
BRANCO DAS ESTRELAS = ESTADOS



nsiu!

Anexo C: A Canção do Exílio¹⁵ - Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o sabiá;

As aves que aqui gorjeiam,

Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,

Nossas várzeas têm mais flores,

Nossos bosques têm mais vida,

Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite

Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,

Que tais não encontro eu cá;

Em cismar - sozinho, à noite -

Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,

Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores

Que não encontro por cá;

Sem qu'inda aviste as palmeiras,

Onde canta o sabiá.

¹⁵ Dias, Gonçalves. A canção do exílio. In: Abdala Jr., Benjamin. **Movimentos e estilos literários**. São Paulo: Scipione, 1995, p.41.